

MONARQUIA



ÓRGÃO DA CHEFIA GERAL PATRIANOVISTA

ANO III

Sem Rei não há UNIÃO NACIONAL

N.º 18

São Paulo, Janeiro-Fevereiro de 1958 — Caixa Postal, 1304

Director — A. VEIGA DOS SANTOS

Redactor-Chefe — Arlindo BAPTISTA PEREIRA

Orgânica Patrianovista

1. Não tem saudades a nossa Geração. Do Império, época de nobres realizações e glórias do Brasil, nada vimos. Nascermos na república, na república crescemos.

As nascermos e surgirmos para a vida consciente, encontramos uma Pátria em ruínas, diminuída em sua identidade e personalidade, mera caricatura limitativa de uma outra nação e estado do continente, de todo alheio à nossa origem, formação e evolução históricas, de par com um idealismo espúrio que pretendia irrealisticamente dar novo aspecto à nossa vida moral, social, económica e política, à feição das utopias lunáticas de cérebros doentes.

Do passado pre-imperial em que, na escola experimental de três séculos trabalhosos, honra e glória dos nossos Antepassados das três Raças, se formara a Nacionalidade sob a égide da Igreja e da Monarquia dirigida pelos nossos Reis do quatro Dinastias, — já nos tinham vindo atenuadas as opulentas heranças religiosas, políticas, sociais e administrativas da eficientíssima colonização (x) portuguesa, a qual nos fizera Nação unida, "orgânicamente" descentralizada no Municipalismo autonomista, no grupalismo variado e sem ciúmes, no respeito realista às diversidades naturais do povo triplicemente miscigenado pela "democracia racial" dos modernos sociólogos objectivos, na polimorfia económica adaptada às nossas várias regiões geoeconómicas (que em meados do século 18 exportavam três vezes mais em valor que as hoje ignoramente exaltadas colónias inglesas da América do Norte!), na organização dos primeiros trabalhadores e na esperanças desenvolvimento das ordens religiosas, esplêndidos galhos das instituições de Além-Mar. Foram estas ordens os focos sábios e progressivos do avigoramento moral e nacional dos nossos povos, mestras de variados ensinamentos literários, teológicos, filosóficos, jurídicos, técnicos e agrícolas, com as suas insubstituíveis e disciplinadoras escolas e colégios, bem como bibliotecas, abertos aos meios culturais e espirituais da Nação adolescente.

2. Tombara uma delas ante o furor hipócrita do calamitoso marquês de Pombal, verdadeiro agente da Anti-Nação. Acabaria com as outras, por meio ardiloso e satânico, o regalismo liberal jansenista penetrado em certas mentalidades políticas e eclesásticas dos dias regências e imperiais "2.º Império", contra o mais alto interesse da Nação Imperial que éramos e continuamos a ser pela graça de Deus e a despeito da ignorância e rebeldia dos homens. Deixa verdade somos nós as testemunhas, pois CONTINUAMOS MONARQUISTAS, continuamos IMPERIAIS como o Brasil (apesar de tudo...) e somos legião por todo o País. Continua Imperial o Brasil AUTÊNTICO. Somos nós Patrianovistas a RESISTÊNCIA contra a ocupação estrangeira chamada república. Continua o Brasil a ser PATRIA IMPERIAL, visto que Brasil e Monarquia são congênitos e CONSUBSTANCIADOS como corpo e alma.

X X X

3. Tantas notas individualizantes perdura a nossa Pátria com a presença do Reino a Império em 1822, que, em última análise, vinham a ser única e incontestável garantia da sua Identidade e Personalidade no plano estatal somente o Poder Moderador Hereditário, herdeiro da Majestade Fidelíssima, e os seus companheiros estadistas do Brasil genuíno — o Senado vitalício e o Conselho de Estado, impugnado em 1842 pelos liberais de S. Paulo e Minas.

Desmantelara-se com a carta de 25 de março de 1824 a base municipalista e gromial do Estado, pereceera o sentido grupalista, o benefício de variedade social objectiva, humana, unificada na Igreja e no Rei. De utilitarismo natural e fecundo, passáramos ao monismo artificial e ceteris, fruto da moda liberal e constitucionalista, herança da revolução francesa (anti-francês) triunfante no Ocidente já desorientado.

Desapareceram os Brasil variogados que fundamentavam a glorieta, a imensa e pujante magnitude do Grande Brasil continental.

Se se pudera com feita razão afirmar em épocas anteriores o sermos realmente a União de numerosas e livres REPÚBLICAS MUNICIPAIS, arrigadas a o liberalismo constitucionalista-rígido "democrático", anti-partidário, da nova ordem de coisas instaurada no País — antiga América Portuguesa livre e orgânica sob o regimento do Rei distante.

4. Sob a monumental estrutura imperial do Estado, deixáramos de ser a antiga MONARQUIA ORGANICA e popular.

Estando, porém, salva a Coroa, éramos ainda nós-mesmos, não obstante os vícios liberais e "republicanos" (mera novidade criada na época, como tantas "novidades" de hoje!) que se nos insinuaram no corpo hígido, minando-nos política, moral e economicamente, impedindo a libertação total do Império, entufando-nos a prosperidade já florecente nos ditos tempos coloniais, escravizando o nosso Trabalho e Produção, e com eles a nossa independência total, a arcas estrangeiras, não tanto aliás como depois da imposição totalitária da república que nos anulou completamente.

Com efeito, tínhamos ainda um baluarte: o Poder Moderador, Soberano do facto, se não do direito, com a sua tremenda "ditadura da honestidade", espantallo e possedelo de muitos fracassados pescadores de águas turvas, futuros "Ivãrões" republicanos, que naquela benfícida ditadura exercçavam execranda tirania e posteriormente se alcaudonaram a nobres nos encilhamentos e patifarias do novo regimen não fiscalizado pelo bonafeio egoísmo de um Dinasta, crios interesses (pessoais) se confundiam com os da Nação, com os do Povo.

5. Isto pónto, não pode ter saudades a nossa Geração. Somos PATRIANOVISTAS, somos do nosso século; não acalentamos saudades como os "patriavelhistas" que esperam sebastianisticamente outro Pedro II, que lamentam a revolução de 30, derribadora "incompleta" do 15 de novembro que não soube ou não quis arrasar de todo em todo COMO DEVERIA, e reacionam ao Estado Novo, irremediavelmente superado. Aprendemos, isso sim, com todos esses episódios da vida nacional... ou Anti-nacional, assim no que tiveram de positivo, como no que de negativo produziram em nossa Pátria.

Queremos não as acidentês passadas e passageiros, aquilo que o tempo leva e consome inelutavelmente, senão o que é essencial à IDENTIDADE, à PERSONALIDADE, à ORIGINALIDADE brasileira na América e no mundo: — a MONARQUIA, a Monarquia Orgânica, que fez o Brasil e ÚNICA, poderá conservá-lo e restaurá-lo na sua identidade, personalidade e originalidade.

Esta a lição da nossa História. Esse o regimen que, por ser nosso, consubstancial, congênito à Nação, não tem modo à liberdade pessoal, às franquias ou liberdades grupalistas, municipais e provinciais, senão que, muitíssimo ao contrário, as acorçea e promove, pois nelas se apoia para a felicidade e grandza do Império que por natureza somos, para a efectivação do bem comum, para realizar cabalmente a vocação nacional do Brasil, Pátria Imperial e que não é nem pode ser república de maneira alguma, porquanto a república é (essencialmente) anti-cristã, Anti-nacional, dissolvente, separatista, anarquizadora, empobrecedora da Nação Brasileira.

X X X

6. Meditando a nossa História (dever que quase ninguém cumpre hoje em dia), pensando maduramente os nossos factos pretéritos, revendo erros e acertos à luz da prudência, ponderando a gravidade do momento, quando casos de lana caprina põem em perigo iminente e séria os destinos da Pátria Imperial ridiculamente fantasiada do republicana, desenvolvemos estas páginas de reconstrução, para remédio imediato e remoto aos males criados pelos 67 anos do liberalismo inorgânico imperial e sumamente agravados pela estultícia, ignorância, inépcia e amiúdo pela má-fé de 61 anos de sistema governamental estrangeiro.

E todas as supraditas considerações levam-nos logicamente à definição, à conceituação do título que encima esta como plataforma: —

CLAMOR INÚTIL

VEDE A AMAZÔNIA TÔDA ABANDONADA E TRISTE!
VEDE O BRAVO NORDESTE A SOLUÇAR FAMINTO!
VEDE O SERTÃO SEM FÉ, SEM SAÚDE E JUSTIÇA!
OH DEUS! A AUTORIDADE ACASO AINDA EXISTE?!

Arlindo VEIGA DOS SANTOS
Poema profético SATANAS, 1924.

ORGÂNICA PATRIANOVISTA.

7. Que pretendemos com expressão tal?

Caberia, por ex., o atributo "republicano" para tal substantivo? De modo nenhum. Parquanto é inteiramente inorgânico o conceito de república. De facto, sendo o regime republicano aquele que considera matéria prima da sociedade os indivíduos avulsos à maneira dos filósofos do iluminismo e dos declamadores da revolução francesa; sendo o regime republicano aquele em que, de tempos a tempos, em razão do mesmo vício individualista e atomizador, tudo se transforma não por necessidade substancial, intrínseca, senão por determinação extrínseca, por imperativo juri-natural de tal espécie de "estado" sempre em vir-a-ser, — repele necessariamente o acasalamento com "orgânica". — "O Estado para os publicistas da escola liberal não é mais um todo orgânico composto de famílias, comarcas, províncias e corporações várias — diz Giovanni Rosignoli — mas uma multidão informe de indivíduos dispersos numa dada zona geográfica, numa poeira de indivíduos desagregados. Assim, o individualismo, penetrado já na religião por obra de Lutero, depois na economia por obra de Smith, Say e Bastiat, penetrou também na filosofia, a qual não vê no Estado senão um amontoado de indivíduos convencionalmente reunidos em consórcio civil" (Concetto dell'autorità nella Sociologia cristiana).

Mas, que vem a ser ORGÂNICA?

É o conjunto sistemático histórico-natural de instituições governativas que regem uma Nação sob todos os aspectos, com base na própria VIDA nacional, isto é — na Família, no grupo produtor, profissional, cultural, religioso, funcionalmente (organicamente) ligados. Daí, Orgânica PATRIANOVISTA é aquele conjunto sistemático de instituições governativas para reger a Nação Imperial Brasileira, a qual foi estabelecido pelos estudos sociológico-políticos que Pátria-Nova (Acção Imperial Patrianovista Brasileira) fez sobre a evolução total da vida histórico-natural do Brasil.

8. Cientes os Patrianovistas de que a Vida supõe uma parte substancial imutável na essência e outra accidental sempre em fluxo, em adaptações, não pretendem ser rígidos, como os fascistas de constituições químicas, senão que deixam muito à prudência política dos homens, pois foi assim que se criou em séculos a nossa Cultura e Civilização.

A parte estática do Estado (e o Estado o é, ou deve ser, por definição!) segue-se a dinâmica do Estado em acção nas faces tódas da vida da colectividade.

Por onde finalmente poderemos definir:

— ORGÂNICA PATRIANOVISTA é o conjunto sistemático histórico-natural de instituições políticas imperiais baseadas na vida real brasileira e destinadas a dirigir e administrar o Estado Brasileiro garantindo a prosperidade e grandesa da Nação.

Instaurado o novo Estado Imperial, não em poucos anos se executará a sua parte dinâmica por nós proposta e a que os pósteros acrescentarão outros e infinitáveis capítulos (anulando os superados).

A Nação, porém, rio caudaloso das Famílias imortais que é, continuará a fornecer pelas fontes sagradas da vida os novos obreiros da grandesa imperial do Brasil. E, se hoje temos um Sr. Dom Pedro III (Dom Pedro Henrique de Bragança) para meter-se à testa da atombrasa Empresa, pertence Sua Alteza Imperial à Dinastia Nacional (Família História que prosseguirá vivendo o mesmo ritmo do rio caudaloso da Nação Brasileira), a qual se manterá responsável pela execução da obra pelos anos afora.

9. E cremos, com a graça de Deus, que, passados dez anos da aplicação da parte dinâmica da ORGÂNICA, ninguém mais sobre a face da terra ousará chamar-nos cordial ou irónicamente — País "DO FUTURO", mas sim:

— BRASIL, PAÍS "DO PRESENTE" E DE TODO O FUTURO, honra e baluarte da Cristandade, orgulho da América e de todos os homens da terra que os nossos Antepassados descobriram quase tódos para o Ocidente Cristão!

Do livro "Orgânica Patrianovista".

(a) Usamos "colonização" genericamente, pois Pátria-Nova profere desde os inícios a tese de que a Província dEI-Rei na América nunca foi colónia.

PARA OS AMIGOS "URSSOS"...

A. Eismen confirmava nos seus "Éléments du Droit constitutionnel français et comparé", t. I, esta tendência imutável: "O Estado supõe necessariamente um território determinado nos limites do qual exerce ele a sua autoridade, com exclusão de qualquer outro, sobre as pessoas e coisas". Acrescenta o autor, em nota marginal: "Essa concepção é hoje rejeitada pela Constituição da União das Repúblicas Soviéticas Socialistas, da qual o comentador oficial, professor Maguerovsky (L' U.R.S.S., Moscou 1923), afirma o carácter internacional de União destinada a englobar o Universo inteiro. Este carácter da União justificaria, a seus olhos, as intervenções do governo de Moscúvia nos negócios dos outros estados, para provocar nêles uma revolução com o fim de os reunir à República universal, capital Moscú".

Pamfil Seicaru, "Dokl" (Em caracteres russos), Paris, 1949.

Cada povo tem o governo que merece!

Nada mais falso do que esta assertiva que teve origem, — e não é preciso dizê-lo — na cachola dos malandros interessados em desculpar os erros e as mazelas dos maus regimes políticos que infelicitam, neste mundo a fora, os povos nossos companheiros de infortúnio.

Causa-nos revolta, portanto, que em plena era da bomba H e, após 68 anos de "desgraça completa", ainda haja cidadãos neste país que não deem por ignorância, mas por falsa compreensão do problema — aí o caso do deputado Raul Pila —, ou má fé — e aqui há milhares de exemplos — terem em afirmar que cada povo tem o governo que merece; que temos maus governos, porque o nosso povo não sabe eleger os "seus representantes".

Diz o senhor Raul Pila (Correio Paulistano, 17/12/51) — "antes de se descontentar com o Congresso, deve o povo censurar-se, si próprio, pois foi ele quem o elegeu. Elegeu-o, talvez não por simples engano, mas por descaço, complacência e falta de espirito público. De modo geral, os representantes não são piores do que os representados. A Câmara, por exemplo, é bem representativa..."

Ora, vê-se por esse trechinho que, desgraçadamente, os veneráveis cabelos brancos do senhor Raul Pila, ainda não lhe trouxeram a exacta compreensão do problema político nacional, apesar da sinceridade e seriedade dos seus esforços — ERRADOS esforços — para melhorar a política brasileira. As suas palavras que — compreendemos — são o produto do seu amargo desencanto são, data veia, inteiramente fora do propósito.

Vamos demonstrá-lo.

X X X

Foi o povo quem elegeu o congresso. Em primeiro lugar deve-se procurar entender o que seja povo. Já disse em meu artigo "A lição de 3 de Outubro", publicado no n.º 10 de MONARQUIA que "povo, pelo menos os dicionários assim no-lo ensinam, é o conjunto total dos habitantes de um determinado país". Ora, os deputados do actual Congresso, foram eleitos em sua totalidade, é preciso que se note, por aproximadamente, uns 10.000.000 de eleitores, portanto, uns 17% (dezessete por cento) do povo brasileiro, *malcaria* ridiculamente inexpressiva da opinião nacional. Uma ínfima parte do povo, NÃO O POVO.

Em segundo lugar e como segunda objecção deve-se perguntar: quem disse povo, (MESMO considerando-se APENAS os que votaram) foi consultado se estava de acordo em que fossem adotados, pelos partidos, os nomes dos "políticos" que deveriam ser sufragados para o dito Congresso? Como afirmar, então, que os congressistas eleitos foram escolhidos pelo povo? Sim, porque eleitos significa, evidentemente, escolhidos.

Os eleitos foram impostos à consideração dos eleitores pelos partidos políticos, no exercício da pior de tódas as ditaduras: a ditadura da consciência. Ao povo foi dito por estes: ou votas no safado que ora te apresento, ou não votarás em ninguém mais. O tal de "vota em quem quiseres, contanto que seja no Joaquim..."

Como censurar-se, pois, ao povo dizendo que "foi ele povo, quem elegeu o congresso? O certo será dizer-se que ao povo foi imposto pelo regime republicano eleitor e partidocrático a eleição desse Congresso, impondo-se-lhe não só muitas, mas outras penalidades maiores — como por exemplo, cercamento de sua liberdade de locomoção para o estrangeiro — se não o fizesse. Se se desse ao povo a liberdade de escolher, verdadeiramente os seus representantes, através das corporações do ofício, como é o HONESTO processo doutrinado pelo PATRIANOVISMO desde 1928 — MAS NÃO IMAGINEM COISAS, PELO AMOR DE DEUS, POIS ISTO SÓ É POSSÍVEL NA MONARQUIA ORGÂNICA DE NOSSA TRADIÇÃO — teríamos, certamente, um Congresso de homens probos, retos, cuja acção se notaria à conecção do bem público.

X X X

Os congressistas foram eleitos não por simples engano, mas por descaço, complacência e falta de espirito público. Isto não é, positivamente, verdade. Os eleitores que elegeu os congressistas são em sua absoluta e indiscutível maioria: "eleitores de cabresto"; indivíduos quasi-analfabetos arrebanhados por malandros cabos eleitorais interessados na obtenção de empregos públicos por esse trabalho prestado aos futuros deputados; empregados públicos forçados a votar e interessados em melhorias e "benefícios" (auxílios, abonos, etc.) que lhes são prometidos pelos candidatos, enfim, RIDÍCULA MINORIA DO POVO, pobres diabos que votam em troca de um prato de lentilhas, aliçados pelos cabos eleitorais auxiliados por sôrdida propaganda hábilmente dirigida que amolece a consciência, já de si fraca, desse tipo de eleitor.

A maioria consciente do povo não vota, exactamente porque tem consciência de tódos essa imundície "política", da imposição, feita pelos partidos, de candidatos nos quais não confia, enfim, da INUTILIDADE DO SEU VOTO, para a melhoria do Congresso, para onde é guiado PELOS PARTIDOS POLÍTICOS "NACIONAIS", a escuridão dos homens deste país.

A política brasileira não poderá melhorar já que, os candidatos, são todos QUASI QUE EM SUA ABSOLUTA MAIORIA, safados, desonestos, malandros, interessados em conseguir uma sinecura de alto coturno: a deputação. Quasi nenhum dos candidatos que se apresentam — QUE SÃO APRESENTADOS PELOS PARTIDOS, não se esqueçam — o faz com o sentido no bem público, senão no próprio bem. E isto é mais do que evidente e FÁCIL DE PROVÁR. Que me seja apresentado o deputado que gastou, na sua eleição, menos do que o total dos ordenados que passou a receber depois de eleito. Como se poderá compreender que um

JARDINS TROPICAIS NORDESTINOS

Imitando para melhor os trabalhos dos holandeses na Indonésia, devemos criar entre nós este tipo de exploração económica tropical.

Trata-se de enormes fazendas plantadas com várias espécies de vegetais, que são escolhidos pela sua importância no mercado. Faz-se o plantio em fileiras de sorte que durante todo o ano se obtém colheitas sucessivas de várias plantas.

Em Java, antes da última guerra (1939-45), colhiam-se numa mesma fazenda cascas de quina, óleo de dendê, pãina, borracha, café, chá, sorgo, arroz, soja, pelo sistema de jardins tropicais, onde impera uma organização científica, quase estatal. Tal método pode aplicar-se aqui, bastando para isso a boa vontade governamental eficaz. Seria como que uma repetição do que se fez com a cana nos tempos coloniais e com o café modernamente.

Um jardim tropical é também uma escola de aprendizagem de métodos novos para a exploração dos produtos naturais de que tão rica e promissora é a zona torrada. A relevância desses empreendimentos holandeses arrancou a célebre frase do geopolítico de Mannheim: O século XXI será dos países que se utilizaram no sentido dos meridianos, assim como o século XX o é dos países que se desenvolveram no sentido dos paralelos. O Brasil e os Estados Unidos são exemplos dos países citados.

Um jardim tropical na Chapada do Apodi (Ceará — R. G. do Neres), com todos os gastos para o seu funcionamento, deverá ser encargo obrigatório para um governo real, que pretenda deveser solucionar o maior problema brasileiro: **civilização tropical.**

Nós Brasileiros, o único povo cristão de origem europeia estabelecido nos trópicos, devemos orgulhar-nos das nossas duas cidades tropicais por excelência: **Manaus**, que causou assombro ao aeronauta De Pinedo, e **Belém**, ambas verdadeiros arcos triunfais da nossa luta titânica contra o Inferno Verde.

O Império Orgânico, pela sua continuidade administrativa e interesse pelo real, pela sua supervisão moral e nacional, pela sua estabilidade e responsabilidade escudada na sucessão dinástica, é a única instituição capaz de desenvolver o sistema de jardins tropicais no Brasil, em melhores condições de que fez o reino da Holanda em Java e no resto da Indonésia. A contraprova está na tragédia republicana das "obras contra a seca" no Nordeste.

Do livro "Orgânica Patrianovista".

República ou Democracia é o regimen do sacrificio da realidade concreta à teorização abstracta, sem base, quimérica e viciosa.

LEIA

"Organização Monárquica do Estado"

(sociologia política), de Jacques Valdour, tradução e anotações de A. Veiga dos Santos

ENRIQUECIMENTO ILICITO

Há tempos falou-se muitissimo em leis contra o enriquecimento ilícito... dos políticos, está claro! pois só eles têm a faca e o queijo na mão. Fêz-se ao depois profundo silêncio. Vêm aí as eleições. Estão começando os grandes investimentos para as negociações. Não é licito tratar do enriquecimento ilícito. E há quem leve a sério essa pândega!

CORRELIGIONARIOS REALISTAS

Se muitos pensam que "Monarquia" vive de vento, alguns há que compreendem a necessidade de dinheiro para esta campanha de regeneração da Pátria.

Assim é que do Sr. Wilson May recebemos valioso objecto que nos produziu alguns "contos" de cruzeiros e do sr. J. S. Q. N. a quantia de Cr\$ 1.800,00 que a Causa Imperial agradece.

NOSSOS "AUXILIARES"

Há vários itens do nosso programa (de 1928) que o governo actual, apesar de republicano, está adiantando na medida do possível com este regime anti-nacional; entre esses o entendimento mais estreito com os irmãos da Ibéria Americana e a fundação da futura Córte.

Está de parabéns o Brasil nesta antevisão do próximo GRANDE IMPÉRIO, o maior e mais feliz da história da humanidade. "Glória!"

Leia

O ESTADO É MEIO E NÃO FIM

J. C. ATALIBA NOGUEIRA

Em todas as Livrarias

CALENDÁRIO PATRIANOVISTA

- 9 de Janeiro — DIA DA DINASTIA NACIONAL
- 22 de Janeiro — DIA DO MUNICÍPIO (Fundação de S. Vicente)
- 25 de Janeiro — DIA DA CIDADE DE SÃO PAULO E DA EXPANSÃO BANDEIRANTE.
- 28 de Janeiro — DIA DA MARINHA MERCANTE IMPERIAL.

Indivíduo gaste mais para conseguir um "emprego" do que o valor total que vai receber nesse mesmo emprego, a não ser que esse indivíduo tenha de antemão contar com outras vantagens "extras", fora das comunicações com o "patrão", enfim que esse indivíduo tenha, pois, um nome sôrdido, imundo e inconfessável para pôr em prática depois de desapensado? Qual o doido varrido que gasta milhões para ser eleito, por vezes espírito público? A eleição para os senhores deputados — salvo raríssimas, mas mirradas excepções — é um negocio rendosíssimo em empatarem um capital — despesa com a dita — e que, como capital é, lhes renderá lucros compensadores.

É sabendo disso que o povo — A MAIORIA DO POVO — não comparece às eleições, não vota, vota em branco, ou, simplesmente, não se alista. Para que votar, perguntam, para eleger malandros COLHIDOS PELOS CONLUÍOS PARTIDÁRIOS?

X X X

De modo geral os representantes não são piores do que os representados. Ainda aqui, não estou de acôrdo com o senhor Raul Pila, em grande parte do eleitorado que elegeu o actual Congresso o fez por ignorância, ou incompreensão. Do contrário, o próprio senhor Raul Pila não seria deputado. Que adiantou, para os seus eleitores, ou para o povo brasileiro em geral, elegê-lo congressista? No meio de uma enxurrada de mediocridades e escrementos morais, a sua inteligência e patriotismo, embora aplicados em causa errada — não adiantaram nada. Continua sendo **PIOR DO QUE ANTES** e assim continuará piorando sempre, até que os eleitores possam escolher, **êles próprios**, os seus VERDADEIROS representantes, sem imposição de ninguém, senão a de sua própria consciência e vontade.

Bem, mas isto já é outra história, se possível no regime monárquico — note-se — não qualquer regime monárquico, mas no de nossa tradição que nós veio do velho Portugal, a Monarquia Integral do nosso país, objecto da doutrina pregada, desde 1928, pela **AÇÃO IMPERIAL PATRIANOVISTA BRASILEIRA.**

X X X

Não é, portanto, o POVO brasileiro culpado pelo mau Congresso que temos. Se temos um mau Congresso; se temos um mau governo — senhor Raul Pila — porque temos um mau regime político que permite tudo isso, porque isso tudo é a sua própria essência.

Se voltarmos ao passado, substituindo a malfadada Ré pública dos Estados Desunidos do Brasil, pelo IMPÉRIO DO BRASIL, assentando no plano de seus Avós a D. Pedro Henrique de Bragança — D. PEDRO III — não verão o senhor Raul Pila e todos os brasileiros de boa vontade, que o povo brasileiro terá VERDADEIRAMENTE o governo que merece, um governo legítimo, honesto, reto, de acção dirigida EXCLUSIVAMENTE ao bem público. E, este, é o governo que o povo brasileiro merece: pelo seu carácter, pela sua índole mansa, pela sua bondade e, ESPECIALMENTE, pelo seu sofrimento curtido em 68 anos de desordem, saque, luto, malbarato de seu suor e tripúdio de sua boa fé.

José de OLIVEIRA PINHO

GOVERNO DO POVO, PARA O POVO, PELO POVO

O povo... são êles mesmos!

Entre nós, o fisco ainda é mais voraz, pois taxa as pequenas economias pensosamente feitas e que significam ásperas renâncias. Tal é o caso do imposto predial, cobrado indevidamente até em ruas sem água, sem luz, sem esgôto, sem qualquer melhoramento. O fisco cobra o imposto embora sabendo que, em tais condições, é um assalto.

O governo federal além do orçamento comum arranja paralelamente em outro orçamento, feito da tributação máxima do povo através do fisco, para onde vai o dinheiro? Para manter uma roda de privilegiados do regime. Diário Popular, 7.1.58.

— Em 89, a bobagem utópica sonhou a destruição do regimen dos privilégios; criou tal regimen. E que bandidos privilegiados! Todos os problemas da Nação são sacrificados à sua criminosa voracidade. Até quando permitirá Deus o sacrificio de todo este povo, de norte a sul, a tanta de tais sátrapas desumanos?

COISAS DE DEMOCRACIA...

A Itália está procurando sama para se coçar. Proclamou a república, agora não sabe o que fazer da droga. Como "êles"... por aqui.

"Civilizaram" o casamento que, para católicos verdadeiros, não o é. É somente o sacramento do matrimónio **caso** um dos noivos, **caso** um noivo.

Disse-o sem papas na língua o zeloso bispo, dom Pedro Fioridelli, falando aos "concupinos". Não fôsse êle bispo da Santa Madre Igreja **ilúre** isso, Pedro!

Vai daí, um tribunal italiano condenou o bispo e, com êle, a verdade. Viva a república!

Também tivemos no Império um caso. Mas não foi um caso de **peleira**, que era oficialmente católico, mas "NO" Império, acto criminoso de um primeiro ministro grão-mestre da maçonaria, satânica inimiga da **terra** e da Nação.

Assim mesmo, fomos castigados com república... que hoje nos **trai**.

Com que será castigada a Itália, se já tem república democrática... **com**?

Com **ursa**? Deus a livre!

CRISTO REI

Por que se retirou Jesus quando o povo, saciado pelo milagre da multiplicação dos pães e dos peixes, quis arrebatá-Lo para O fazer rei?

Porque Ele já era Rei por Deus (como o deve ser todo verdadeiro Rei) e não tolerava ser rei pela soberania falsa do povo, o mesmo cuja mutável opinião, conduzida por demagogos, mais tarde O condenaria e clamaria a pedir a sua crucifixão.

Bem sabia Cristo a precariedade da "realoza" comunicada por sufrágios populares. E a sua fuga importou em condenação e reprovação do voto por mero interesse material. Em se dando, porém, a oportunidade de declarar a sua divina Realeza (a verdadeira que do Pai eterno provinha e da sua ascendência divina), essa afirmou-a Ele diante de Pilatos que por sinal demagógicamente O condenou para ser fiel à democracia que vociferava em frente ao Pretório.

Afirma-Se Rei, perante quem havia de condená-Lo por medo do alarido popular. Aquêle que recusara ser rei por mera aclamação democrática.

Nós patrianovistas preferimos essa lição divina a todas as mentiras liberais e democráticas que transferem para a "vontade" do povo, para a opinião do povo ou refalsadas assembléias, para as palhaçadas eleições caríssimas e estúpidas, o que pela natureza mesma das coisas procede de Deus.

Arlindo VEIGA DOS SANTOS

LEIA

Filosofia Política de Sto. Tomás de Aquino

de A. VEIGA DOS SANTOS
nas Livrarias

DESNACIONALIZAÇÃO PELO ENSINO NA REPÚBLICA

Um bocadinho de história

Foi por essa época (republicana) de liberdade mal compreendida que, aproveitando-se de leis tão imprudentes, vieram se estabelecer no Brasil muitos colégios estrangeiros norte-americanos e ingleses de preferência, em número muito superior ao das necessidades das suas respectivas colônias e nos quais, com programas adaptáveis somente aos seus países de origem, é ministrada à mocidade uma variada e tenaz propaganda religiosa, de suas várias seitas, totalmente fora das preliminares da formação brasileira.

De um tal regimen é fácil, portanto, de se avaliar os prós e os contras. Coube à iniciativa particular reagir contra essa avalanche desnacionalizadora, então apenas agravada, pois há muito vinha se infiltrando lentamente. Os colégios particulares, os religiosos, sobretudo os de educação feminina, dirigidos por padres e freiras de várias ordens, tiveram de travar luta com os elementos estranhos que procuravam penetrar na alma nacional, para tanto escolhendo o mais hábil dos caminhos, à sombra da indiferença oficial.

Acontecia isto enquanto nos estados os estabelecimentos governamentais, primários e secundários, alheavam-se completamente dessa desnacionalização progressiva e ameaçadora, com o laicismo legal vigente nas escolas isoladas, grupos escolares, ginásios, liceus e escolas normais.

A tal ponto foi compreendida aquela licença abusiva em questão de ensino na federação que, no Rio-Grande do Sul, por exemplo, existiu mesmo extrema liberdade; até no exercício das profissões ditas liberais, independentemente da posse de quaisquer títulos científicos habilitadores.

Foi com tão diferentes características que progrediu o ensino no Brasil, durante a república: crescendo em quantidade, porém perdendo muitas vezes em homogeneidade, em unidade de orientação. — Hélio Vianna, **Formação Brasileira**, Edit. José Olympio, 1935.

— Assim, a ré (regime estrangeiro) vem sempre favorecendo a desnacionalização e a heresia. Anuncia-se que gringos herejes expulsos da China vêm missionar nortistas e nordestinos... A ré, como invasora que é, tolera e promove até todas as invasões indesejáveis.

VERDADES DESAGRADÁVEIS... AOS TOLOS!

... E quando chegar o momento da crise, não contemos absolutamente com a aliança inglesa, se não tivermos anteriormente valorizado o nosso esforço colonizador, fazendo dos indígenas portugueses tão portugueses como os da metrópole, — ensinando-lhes a língua e a religião, catequizando-os enfim. Não é com empregados públicos, — repito, — que se criam nações! A INGLATERRA, SEM EMPREGADOS PÚBLICOS, ESTÁ A ANCLICIZAR MOCAMBIQUE PELA OPRESSÃO DO REINO ESCOSSÊS E COM MANTER BRIGADAS DE MISSIONÁRIOS QUANTO À ENSEINAM, COM O ANGLICANISMO, A LINGUA INGLESA E A ADMIRAÇÃO PELA INGLATERRA (grifos nossos). E hoje, — por que não há-de dizer? — já não é preciso ir a Inglaterra para falar comumente inglês: — basta permanecer algum tempo na colônia portuguesa de Moçambique.

Contemos conosco, pois! Com decisão, com energia, com violência, — tendo a certeza antecipada de que a salvação de Portugal há-de ser dos portugueses, ou não virá. — Manuel Múrias, "A aliança inglesa e a inércia nacional", Nação Portuguesa, 3.ª série, n.º 11.

— Quando tais verdades dizia o escritor, mal começava Portugal a recuperar-se da bebedeira democrática de 1910. Vale, todavia, para nós brasileiros, que confiamos demais nos outros e não atinamos por aqueles que fazem de nossa terra uma casa da sogra desnacionalizadora e subtilmente inglês; — e roubando-lhe o dom mais precioso, que a nossa fé.

E não nos venham dizer que toda semelhança é mera coincidência.

ASPECTO IRÔNICO DAS UTOPIAS DEMOCRÁTICAS

(Comentário a um diário da Capital)

Sob o domínio republicano, os partidos são donos de tudo, com um feroz totalitarismo constitucional. E, neste regimen abstracto, afinal de contas que são os partidos? Responde-no-lo uma folha local:

— "Em São Paulo tudo gira em torno das tendências do governador, do prefeito, do vice-governador, que também constitui apreciável força eleitoral, do presidente e do vice-presidente da República. São esses os homens que, não em conjunto, mas cada um do seu lado, articulam e dirigem ostensiva ou veladamente, as negociações destinadas à escolha dos candidatos".

(Em seguida, mostra que tal se não dá somente em São Paulo mas por esse Brasil a dentro).

"Os partidos políticos eclipsaram-se e hoje a função que exercem é puramente formal: servem apenas de legenda para os candidatos, em obediência a requisitos expressos de legislação eleitoral".

Muitos "existem apenas porque representam uma legenda, que muitos deles transformam em rendosa fonte de negócios, num regime eleitoral defeituoso (Eterna cantilena cómica dos republicanos...), onde os partidos políticos são pomposamente erigidos à categoria de forças de alcance nacional mas, na verdade, não passam de meras ficções destinadas a preencher requisitos da lei (Que, digamos, não IMPÕE totalitariamente a formação de partidos, contanto que não sejam monarquistas... Artificio ridículo de marginal beócios!), para efeitos de registro na Justiça Eleitoral.

"Chegamos, nesse particular, a esta situação acabrunhadora: — a Constituição faz repousar o funcionamento e a própria existência do regime nos partidos políticos que, entretanto, se anulam, transformando-se, nalguns casos, em simples máquinas acionadas pela vontade dos líderes e noutros, em vergonhosos balcões onde se vendem legendas para a disputa de eleições".

E depois se zangam ao falarmos não passar tudo de autêntica palhaçada, ou safadeza, se preferem.

Não existiam os tais partidos antes da lei. Esta condiciona a representação à existência de partidos. Então um cidadão de boa ou má fé inventam um rótulo e um programa. Mas a lei já sabe que NA REALIDADE existem certas correntes fortes de CULTURA NACIONAL E POLITICA... que ela não quer. Então, essas que DE FACTO EXISTEM não podem. Mas... todos têm que votar sob pena de multa ou cadeia...

Liberté, Egalité, Fraternité...

E isso vai continuando indefinidamente... Como é mal, a mentira, o erro, a malandragem, a ignorância, a má fé têm fôlego, heim!